

## ESPAÇO MEMORIAL DO CORINTHIANS COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Luis Carlos Costa Salles<sup>1</sup>  
Leticia Gorri Molina<sup>2</sup>  
Rosane Suely Alvares Lunardelli<sup>3</sup>

**RESUMO:** Caracterizado como espaço de preservação da memória do futebol, o Memorial do Sport Club Corinthians Paulista apresenta a trajetória do clube desde seu início até o momento atual. Por meio de diversos tipos documentais conserva a história e memória do Clube. A memória institucional nesse contexto contribui não somente com o registro de fatos já ocorridos como também possibilita a criação de novos conhecimentos. De acordo com essa linha de raciocínio, propõe-se, fundamentado por estudo teórico-reflexivo, apresentar o Memorial como valioso patrimônio informacional e propor, baseado em Nora, sua inserção na categoria de lugares de memória. Outro aspecto a ser evidenciado diz respeito ao papel do arquivista como gestor dessa massa documental, organizando-a e disponibilizando-a ao público interessado.

**Palavras chave:** Arquivista. Lugares de memória. Memorial do Sport Club Corinthians Paulista.

## CORINTHIANS MEMORIAL SPACE AS A PLACE OF MEMORY

**ABSTRACT:** Characterized as a space for soccer memory preservation, Corinthians Paulista Sport Club Memorial portrays this sports club since its foundation until present moment. By means of varied document types, it conserves the memory and history of the club. Institutional memory in this context not only contributes to registering past facts but also enables the generation of new knowledge. Pursuing this line of reasoning, it proposes, founded by theoretical-reflexive study, presenting the Memorial as an invaluable informational heritage and propose, based on Nora, its inclusion in the memory space category. Other aspect to be emphasized is the role of the archivist as manager of this documental mass, organizing and making it available to interested public.

**Keywords:** Corinthians Paulista Sport Club Memorial. Memory space. Archivist.

---

<sup>1</sup> Graduado em Arquivologia pela Universidade Estadual de Londrina. [cesinhak@gmail.com](mailto:cesinhak@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista. Docente dos cursos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e do curso de pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina. [leticiamolina@uel.br](mailto:leticiamolina@uel.br)

<sup>3</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Londrina. Docente dos cursos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e do curso de pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina. [lunardelli@uel.br](mailto:lunardelli@uel.br)

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da civilização, situações e fatos são registrados nos mais diversos suportes. Ainda que não houvesse inicialmente a preocupação com a inscrição desses dados como forma de construir a memória, foi graças a esses registros que se tornou possível conhecer alguns eventos do passado.

No decorrer dos tempos houve significativa mudança quanto à forma de registrar e armazenar o acervo que se constituiria em memória de uma cultura, de uma sociedade. Inicialmente a memória era preservada de forma oral, passada de geração a geração, por meio da fala. Também preservavam a memória por meio de pinturas rupestres em cavernas até a invenção da escrita, passando por diversos suportes. Entretanto, independente da forma ou do suporte a intenção sempre foi a deregistrar a informação considerada relevante para a época.

Segundo Chapouthier (2005), o termo memória pode assumir dois sentidos: o primeiro seria a capacidade que seres vivos têm de armazenar dados, informações e conhecimentos a respeito do mundo em que vivem e assim modificar o próprio comportamento e, sob uma acepção mais ampla, a memória seria entendida como toda marca deixada no mundo ou em parte deste, por determinado acontecimento.

O registro da memória se concretiza, na maioria das vezes, por intermédio de documentos gerados acerca de fatos, atividades realizadas pelas organizações, pessoas ou famílias. Ao ressaltar a relevância desses documentos como fontes de informação, Merlo e Konrad (2001, p.27) alertam para o fato de que “para que constituam uma pesquisa histórica, é preciso que estejam acessíveis, a qualquer tempo, aos interessados, sejam pesquisadores ou a sociedade em geral.” A preservação da memória por meio de registros documentais, nessa linha de raciocínio torna-se “[...] fundamental na construção e reconstrução da identidade de indivíduos ou nação.” (LUNARDELLI et. al. 2016, p.1004-1005).

Conforme defende Fontanelli (2005, p. 11), “trabalhar com a memória de uma empresa é trabalhar com as memórias de cada um de seus integrantes, que se reconhecem como tais e, assim, constroem as identidades individuais e a coletiva - imprescindíveis para o desenvolvimento da instituição.”

Neste contexto, preservar a memória de uma instituição é contribuir para a manutenção de sua história. No caso do Sport Club Corinthians Paulista isso acontece por meio do seu Memorial, responsável pela guarda e divulgação de materiais ligados ao futebol

como camisetas de jogos, fotografias, bolas, troféus, entre outros artefatos que evidenciam ações realizadas pelo Clube.

De acordo com o exposto, é objetivo do estudo, caracterizar o Espaço Memorial do Corinthians, como importante meio de constituição da memória do Time ou como apresenta Nora (1990, 1993), como um dos lugares de memória do futebol brasileiro. Mais especificamente, ou como objetivos específicos, tencionou-se estabelecer relações entre os postulados de Pierre Nora a respeito de Lugares de Memória e o Memorial, sua finalidade e o papel que desempenha no contexto atual e evidenciar a importância do arquivista na gestão dessa massa documental.

Espera-se ao final do estudo, além de contribuir com a divulgação desse espaço de constituição e preservação da memória do futebol, corroborar a hipótese de que o Memorial do Corinthians possui as características mencionadas por Nora ao conceituar Lugares de Memória em seus trabalhos.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Como percurso metodológico optou-se pela realização de pesquisa exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa a ser desenvolvida por intermédio de pesquisa bibliográfica e documental como procedimentos adequados ao entendimento e análise dos dados.

Como procedimento técnico, foi aplicado a Pesquisa de Campo, que tem como objetivo conhecer o trabalho executado no espaço de memória, sendo analisadas as características do Memorial do Corinthians, observando os materiais que possuem, assim como são armazenados e expostos. Segundo Marconi e Lakatos (2007, p.88) “a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos da observação de determinado aspectos da realidade”.

## **3 MEMÓRIA**

A memória, dentre os vários sentidos que assume, pode ser entendida como a faculdade ou habilidade humana de reter fatos, experiências e conhecimentos de modo a tornar possível sua transmissão por intermédio de seus registros e suportes.

Segundo Le Goff (1996, p. 423), “A memória como propriedade conserva certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas graças as

quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”

Rouso (1998) afirma que o maior atributo da memória é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir a alteridade ao tempo que muda, as rupturas que são o destino de toda vida humana. A memória é a característica que dá identidade ao indivíduo, a instituição, a nação, pois é por seu intermédio que se transferem os costumes, hábitos e diferencia uma nação de outra pelas experiências obtidas assim gerando uma memória com valor de identidade. Crippa (2010, p.81) ao ressaltar seu valor elucida que “é considerada o único instrumento, no qual, ideias e palavras podem ser reunidas, fugindo assim do império do imediato.” Sem ela, de acordo com a Autora, não mais existiriam as relações sociais, assim como a própria noção de sociedade e “por fim, desapareceriam as identidades individuais e coletivas, assim como a própria possibilidade de conhecimento.”

A memória também é um patrimônio, pois ela é um conhecimento, um saber, que foi adquirido ao longo da história da humanidade. Para Costa (1992 p. 21) “[...] Patrimônio é a acumulação das experiências bem sucedidas ou erradas que tem um povo com o território que habita, graças às quais pode convertê-lo em país”. Desta forma, “a memória, como substrato da identidade, refere-se aos comportamentos e às mentalidades coletivas, na medida em que o lembrar individual encontra-se relacionado à inserção histórica de cada indivíduo.” (NEVES, 1998, p. 1.527).

Vista dessa maneira, a memória seria uma espécie de cordão que amarraria nossos atos e pensamentos, permitindo uma continuidade que ao longo de um período de tempo articulasse a existência humana. Existência no sentido de podermos construir um eu racional, capaz de perceber nossa própria individualidade. Assim, presentificando o passado de forma contínua e constante, somos capazes de lembrar acontecimentos, ideias, fisionomias, e etc. Vivenciados recentemente, ou num passado remoto, permitindo a formação de pensamentos e a experiência de sentimentos. (MURGUIA, 2010, p.18).

A memória humana, ou memória biológica, quando não transmitida para um suporte, corre o risco de ser esquecida parcialmente ou totalmente, visto que a mente necessita “esquecer” de determinados fatos para não sobrecarregar-se e assim podendo reter e adquirir informações mais relevantes. Na necessidade de preservar a história e conhecimentos, eles são transpostos para vários suportes como papéis, fotos, lugares, objetos e outros. Segundo Barros (2005, p.1), uma forma simples de defini-la seria dizer que “a memória é a aquisição, o armazenamento e a evocação de informação”. A aquisição é também denominada de

aprendizado. “A evocação é também chamada recordação, lembrança, recuperação”. Segundo Costa (1992, p.22) defende-se que “É memória uma data significativa, uma festa de aniversário, o folclore, a música, o retrato na gaveta, o álbum de família, o arquivo pessoal, a biblioteca do município, o vídeo sobre o evento, as ruínas de antiga cidade, um machado de pedra, uma espécie em extinção.”

No entendimento de Ferreira e Amaral (2004, p. 139) “Falar em memória é falar de certa estrutura de arquivamento que nos permite experiências socialmente significativas do passado, do nosso presente e de nossa percepção do futuro.” De acordo com Nora (1993, p. 9) “A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva plural e individualizada.”

Ribeiro (2010, p. 41) respalda-se em Halbwachs (2006) ao apresentar os dois enfoques que o tema adquire: “a memória individual (lembranças, conexões dos fatos com a própria vivência dos membros em suas comunidades) e a memória coletiva (conjunto de acontecimentos de um grupo limitado no espaço e no tempo).” A memória individual, nesse contexto, está sempre vinculada à coletiva, pois como argumenta Halbwachs (1990, p.43), “cada memória individual é um ponto de vista sobre memória coletiva.”

Nessa linha de raciocínio a memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere às suas experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado e a memória coletiva que é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são preservados como memória oficial da sociedade.

Estudos relacionados à memória individual focalizam sua atenção nas representações que o sujeito faz do passado e os estudos da memória coletiva, na negociação para a construção de uma memória que usará o passado para a criação de uma identidade coletiva. (WERTSCH, 2009)

Ainda que sejam relevantes as duas representações de memória no que tange à sua abrangência, no estudo em pauta interessa aquela constituída coletivamente, e na maioria das vezes a partir da memória individual, uma vez que esta não se opõe àquela, elas se complementam, dependendo uma da outra.

Pioneiro na reflexão mais sistemática acerca da memória coletiva, suas características e aplicabilidades, para Halbwachs (2004, p.222) “[...]a memória deve ser entendida, sobretudo, como um fenômeno coletivo ou social uma vez que a memória individual pertence, e está em constante interação com a sociedade.” Nessa perspectiva, lembram

Oliveira e Rodrigues (2009, p.222), a “ Família, religião e classes sociais são elementos analisados por Halbwachs nas construções e no compartilhamento dos quadros sociais.” Halbwachs foi um dos principais autores que desenvolveram a teoria da memória coletiva. Francês, vindo da escola de Durkheim, tinha interesse em entender a sociedade, o coletivo, a coesão social.

De acordo com o panorama apresentado é possível caracterizar o futebol como protagonista de memória coletiva, seja por intermédio de eventos como as copas do mundo e outros campeonatos além de atribuir uma identidade a uma nação como argumenta Chade (2016, p.10) ao mencionar que:

Um fato sempre me surpreendeu: como nós brasileiros, somos identificados pela nossa Seleção. Sim trata-se de uma visão simplória, injusta, estereotipada. O Brasil é muito mais que isso. Mas essa realidade também revela que aquela camisa amarela faz parte de nossa identidade e vai muito além de representar um time de futebol. Faz parte de quem somos no mundo, gostamos ou não.

Nessa perspectiva cabe lembrar que a organização e o armazenamento das diversas tipologias documentais demandam a existência de espaços adequados, como aqueles denominados por Nora (1990, 1993, 1997) de “lugares de memória”. Em outros termos importa salientar que além do conteúdo informacional desses documentos como constituição da memória, torna-se evidente a relevância dos lugares nos quais essa memória foi criada, ou preservada, como abordado por Kessel (2003, p. 4). De acordo com o autor, “As memórias individual e coletiva têm nos lugares uma referência importante para a sua construção [...]”

### 3.1 LUGARES DE MEMÓRIA E O ARQUIVISTA

Nora (1993, p.9) ao defender a premissa de que “A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” criou a expressão lugares de memória para assim nomear “[...] toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer.” (NORA apud GONÇALVES, 2012, p.34)

Pierre Nora, historiador francês internacionalmente reconhecido por sua relevante contribuição historiográfica, justifica a importância dos “lugares de memória” ao afirmar que eles “nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios

fúnebres, notariar atas [...]” (1993) e também devido ao esquecimento pelo próprio ser humano. Nessa perspectiva então:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimentode grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos.(NORA, 1993, 12-13).

De acordo com o Autor (1993, p. 22) esses lugares são simultaneamente materiais, simbólicos e funcionais e assim os definem:

[...] é material pelo seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou.

Comungando com Nora (1993), importa esclarecer que mesmo um lugar de aparência puramente material, como um arquivo, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança.

Le Goff (1996, p. 473) de forma sintética identifica os lugares de memória concebidos por Nora (1993) como sendo “[...] lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios e arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações.”

Para Ribeiro (2010), mencionar lugares de memória é entendê-los dentro do espectro de um campo circunscrito a organização dos objetos e dos registros materiais da cultura humana. Mais do que preservar alguns vestígios do passado e da cultura escrita, oral, virtual e imagética, o que esses lugares trazem e fazem é uma tentativa de recuperação e adequação de uma existência dos estoques informacionais do presente. Dando continuidade ao raciocínio a autora ressalta que “O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição



gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar.” (RIBEIRO, 2010, p.38)

Esseslugares, para Nora (1997, v.2, p.2226, tradução nossa), seriam então “toda unidadesignificativa, de ordem material ou ideal que a vontade dos homens ou o trabalho dotempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de umacomunidade qualquer.”

A memória se “cristaliza” no traço, pelo vestígio, na materialidade do registro, na visibilidade da imagem. Dodebei (2001) argumenta que esse fenômeno se cristaliza e se dá pelas formas de apreensão e duplicação dos sons, imagens e texturas. Outras formas de manifestação podem ser vistas nos suportes por meio da reprodução de objetos ou de isolamento de um objeto. Já nos arquivos, a “cristalização” se dá pelos meios técnicos de reprodução e de conservação e pelo respeito ao vestígio (vontade geral de registro) e nas instituições da memória cultural: bibliotecas (memória dos saberes, memória seletiva) e museus (memória dos valores/estética) (NORA, 1993; NAMER, 1987, apud RIBEIRO, 2010, p. 38).

Desde sua concepção, os museus, as bibliotecas e os arquivos foram considerados como lugares de memória da humanidade, pelos quais a perspectiva da memória é vista como preservação. Ao preservar documentos, os lugares da memória guardam materialmente a memória de um povo de uma cidade, de um país. (CARELLI; MONTEIRO; PICKLER, 2008).

Reportando-se à Nora (1993), os lugares de memória podem ser classificados em lugares topográficos, como as bibliotecas, arquivos e museus, em lugares funcionais, a que pertencem os manuais, as autobiografias ou as associações e os lugares monumentais, que são os cemitérios ou as arquiteturas. Porém não é viável restringir ou separar a memória pois ela é interdisciplinar e será um erro acreditar que em um museu não pode ter arquivo ou na biblioteca não pode conter um arquivos por exemplo. Nesse sentido pode-se considerar o Memorial como um centro documental que se constitui por intermédio de práticas arquivísticas, biblioteconômicas e museológicas ou como elucidada Nora (1997, p.15) “uma memória registradora, que delega aoarquivo o cuidado de se lembrar por ela.”

Sempre presente nas civilizações, os arquivos integram diferentes contextos, segundo as características das sociedades que os formaram. Na atualidade são considerados espaços dinâmicos, cujos documentos custodiados possuem diversos usos potenciais uma vez que são, cada vez mais, utilizados pela sociedade.



Nesse universo de valorização dos arquivos, evidencia-se o profissional responsável pela gestão dos documentos, processos técnicos voltados à produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento da massa documental existente em um segmento.

Bellotto (2014, p. 230) argumenta que apesar de não ser o personagem principal do arquivo, o arquivista “[...] está ali para que a informação (para a administração e para a cidadania, em um primeiro momento, e para a história, em um segundo) seja a protagonista a desempenhar seu papel a contento. Dando continuidade ao raciocínio, a autora (2014, p. 231) menciona que ainda que o que é feito da informação não dependa desse profissional, “[...] a exatidão do processamento técnico, a dinamização do acesso, a pertinência e a precisão das representações descritivas nos instrumentos de pesquisa.” estão sob sua responsabilidade.

#### **4 MEMORIAL DO CORINTHIANS**

O Sport Club Corinthians Paulista, mais conhecido como Corinthians, muitas vezes apelidado de “Timão” e “Coringão” é um clube multiesportivo brasileiro sediado na cidade de São Paulo. O nome dado ao clube foi em homenagem ao Corinthians Team da Inglaterra, primeiro clube europeu a fazer excursão pelo Brasil, ganhando todos os jogos da temporada.

Caracterizado como o “clube dos operários”, “o clube do povo” não tinha sede nem dinheiro, mas tinha time e vontade de ingressar naquele fechadíssimo círculo do futebol da elite que já apaixonava a cidade. (GUTERMAN, 2010, p. 55).

Em seu estatuto, estava previsto que o clube seria um local aberto a todos, não se observando nacionalidade, religião ou política, o que foi um avanço para época. O término da elitização do futebol começa com o Time fazendo enorme sucesso, chegando aos campeonatos oficiais, com apenas seis anos de existência e conquistando dois títulos estaduais, em 1914 e 1916.

O Corinthians possui sua sede social localizada no Tatuapé, tradicional bairro da zona leste de São Paulo. Em sua sede com mais de 158 mil metros quadrados. Abriga o maior conjunto aquático brasileiro, bosques arborizados, ginásios poliesportivos, playground, quadras, espaços para eventos e completa estrutura para alimentação com restaurante e lanchonetes. Conta ainda com uma academia completa, locais para práticas desportivas e um Memorial com a exposição permanente de diversos materiais para ilustrar a paixão de toda uma nação, utilizando da tecnologia para apresentar a trajetória do Clube.

O Memorial é um local completamente dedicado a história do Sport Club Corinthians Paulista e localizado no prédio da sede administrativa do Parque São Jorge. Ao

entrar nesse espaço o usuário é transportado a “outro universo” se conectando ao passado do clube. A entrada do Memorial é um vestiário de um campo de futebol com o objetivo de levar o visitante a sentir-se parte do time e proporcionar a emoção que o Corinthians desperta em seus aficionados. Em seguida é conduzido pela história do Clube desde a fundação até as glórias atuais, como o campeonato paulista de futebol de 2017, ao percorrer as diversas salas temáticas. No andar superior há uma sala destinada às conquistas poliesportivas. Ao terminar esse trajeto, o usuário encaminha-se à última sala, um cinema, onde é passado o filme da história do Corinthians, como forma de reforçar as informações divulgadas e encerrar a visita.

O espaço Memorial do Corinthians foi inaugurado em 27 de Janeiro de 2006 na gestão do presidente do clube Alberto Dualib, de 1993 a 2007, com o apoio do então presidente da República Luis Inácio Lula da Silva. O funcionamento é de quarta-feira a domingo das 10 horas às 17 horas e aos domingos das 10 horas às 16 horas. Antes de possuir um espaço para armazenar e expor a história e as conquistas do clube, suas lembranças ficavam jogadas sem o cuidado necessário em uma sala em cima do ginásio de esporte.

Com relação à memória coletiva e sua exposição Murguia (2010, p.21) menciona que “[...] para o grupo, a relevância da lembrança reside na forma pela qual a lembrança chega ao coletivo.” O responsável por todo material histórico do clube fica a cargo do Teleco, jogador e ídolo do Corinthians, que começou no Corinthians em 1934, atuando por 10 anos como jogador.

Como critério para a exposição, são escolhidos os materiais por seu grau de importância e separados cronologicamente, para que o usuário, ao visitar o local, se inteire de toda a história do Sport Club Corinthians Paulista. Devido à prática de inúmeras modalidades, como natação, lutas, futsal, basquete, remo, xadrez, peteca, ou próprio futebol entre muitas outras, o acervo possui mais de 3500 objetos, todos esses objetos são documentos e contam a história da instituição.

Para Murguia (2010, p.40). “[...] pensar em documento como prova e registro material é compreendê-lo, então a partir disso, como um suporte da memória”. Dentre esses objetos, estão chuteiras usadas em jogos, bolas, camisetas, certificados, documentos, fotos e outros objetos das práticas de diversos esportes, como uma canoa de remo, uma bandeira usada no famoso jogo de do campeonato brasileiro de 1976, no Estádio do Maracanã, Rio de Janeiro, entre Corinthians e Fluminense, a calçada da fama onde esportistas importantes para a história do clube deixaram sua marca, como Oscar do basquete, Marcelinho Carioca, Ronaldo Giovanelli entre outros. Fazem parte de seu acervo jornais, livros entre diversos

outros objetos envolvidos com a história do clube.

De acordo com Cooke (1991, citado por BARLETTA, 2005) quando os documentos não são textuais, mas restabelecem relação intrínseca com a instituição, eles podem tanto fazer parte de um acervo museológico quanto arquivístico, sem causar problemas, como pode ocorrer com placas comemorativas, troféus, medalhas, flâmulas, etc.

Os tipos documentais presentes em arquivos, tem se tornado cada vez mais variados, “sem contar as mudanças constantes que ocorrem com os suportes e formatos documentais sob influência da pós-modernidade e seus avanços tecnológicos, entre outras coisas”. (FONSECA, 2017, p. 99)

A constituição, a construção, da memória no ambiente institucional compreende processos de reunir, preservar e contar a história da instituição e deve estar organizada de forma que propicie o acesso ao conhecimento acerca da história e as características da instituição. No caso específico do Sport Club Corinthians Paulista são troféus, camisas, bolas, documentos entre outros artefatos que representam sua história centenária.

A esse respeito Dick (2007) assevera que a memória não está apenas inserida na mente humana e nem nos objetos que invocam estas lembranças, que funcionam como mediadores da memória. Esta memória mediada, sob a ótica do Autor se manifesta na complexa relação entre a mente, os objetos e o contexto cultural no qual eles são produzidos.

Ao evidenciar a grande quantidade de suportes materiais (documentos, monumentos, objetos de coleções, ruínas, entre outros) que atualmente representam a memória coletiva, Pomian (2000, p.515) lembra que “[...] o passado incluso na memória coletiva é hoje mais longo, mais rico e mais bem datado do que foi anteriormente”. Considerando a importância dos vestígios materiais do passado como “suportes da memória coletiva e transgeracional.”

O Corinthians conta com um departamento de cultura, totalizando sete pessoas, sendo quatro delas destinadas ao Memorial. O responsável pelo Memorial é o senhor Cristiano Silva Pereira, técnico em arquivo com mais de 20 anos de experiência na área de conservação, restauração, planejamento de acervos, sejam públicos ou privados.

O Memorial possui também computadores disponíveis com softwares próprios, onde o usuário pode utilizar para pesquisar jogos, jogadores, gols do Sport Clube Corinthians Paulista. Ferreira e Amaral (2004, p. 138) afirmam que “a memória não pode existir sem o suporte técnico, como algo puramente cerebral; o passado não pode sobreviver sem os suportes[...]”

A equipe responsável pela organização da memória, catalogação, restauração e exposição realiza o trabalho de forma séria e profissional. Algumas peças estão acessíveis para serem tocadas, manuseadas. Entretanto, a maioria das peças está devidamente exposta, protegida contra danos e ou furtos, por uma película de acrílico evitando o ar e o contato com pessoas.

Na sala de restauração ficam livros, jornais, revistas, reportagens armazenados, toda informação no formato escrito. Essas informações auxiliam na restauração dos objetos. Entretanto muitas dessas informações e conhecimentos a respeito do processo de conservação documental e outros assuntos são de acesso restrito. Nesse sentido, acredita-se que após a digitalização desses materiais, os conteúdos poderiam ser disseminados ao público geral como forma de divulgação de outros conhecimentos existentes no Memorial.

Segundo Molina; Araki (2016, p.68-69):

A memória é o registro do passado, responsável por fazer com que lembremos de fatos ocorridos ao longo da vida, seus detalhes constituindo recordações. [...] Como exemplo podemos citar as diversas formas de documento, que podem variar entre fotografias, cartas, imagens, etc. [...] A falta de preservação de maneira devidamente adequada, acarreta em sua desestruturação e a torna passível de perda, transformando-a em um quebra-cabeças com peças faltando. É impossível contar uma história sem recorrer à elementos da memória.

Desta forma, o espaço destinado às memórias do Corinthians traz o passado diretamente para o presente e faz com que as pessoas vivenciem um pouco desses acontecimentos.

## 5 COMENTÁRIOS FINAIS

Desde tempos remotos, a função precípua da memória era a de conferir imortalidade ao ser humano inserindo-o na história. Em decorrência, a memória era e ainda é considerada instrumento de atualização do passado, além de instituir-se como condição *sinequa non* para evitar o esquecimento.

Em um contexto atual, marcado por excesso de informações aliados à sua merecida supervalorização a memória está estudada sob vários aspectos e por diferentes áreas do conhecimento. Nessa perspectiva, pretendeu-se inserir o Memorial do Sport Club Corinthians Paulista na categoria de lugares de memória de acordo com as premissas de Nora. Segundo

Arévalo (2004, p. 8), Nora emprega a noção de lugares de memória “na esperança de que essa possa reunificar o indivíduo fragmentado com o qual lidamos na sociedade contemporânea.”

Toda instituição tem uma história que merece ser preservada e oportunamente divulgada. O Corinthians tem consciência dessa importância uma vez que criou o Memorial onde sua memória é tratada com total respeito em um local próprio e com profissionais extremamente motivados como se percebe ao visitá-lo. No âmbito da organização e preservação dos fatos ocorridos no mundo esportivo, o Corinthians é o único clube nacional a possuir um lugar de memória, nos três sentidos da expressão conforme postula Nora (1993, 1997), ou seja, o material, simbólico e funcional, sendo referência aos demais clubes, inclusive alguns internacionais.

Devidamente conhecido e reconhecido por ser um clube de características populares, o Corinthians investe na preservação de sua trajetória para que as novas gerações aprendam com essas memórias o que é ser corinthiano, como habitualmente se ouve falar.

Em que pese à importância e o reconhecimento desse espaço para preservação da memória do Clube, seja por intermédio de acervos documentais de cunho arquivístico, biblioteconômico ou museológico, torna-se evidente a escassez de funcionários devidamente qualificados para o tratamento e difusão desse acervo em meio eletrônico, por exemplo.

Ainda que não tenha sido o propósito desse estudo, tornou-se evidente a necessidade de contratação em especial de arquivistas, profissionais capacitados para atuar no campo da gestão de recursos e artefatos informacionais, com ênfase nas políticas de preservação do acervo.

Por intermédio de pesquisa teórico-reflexiva tornou-se possível constatar que o Memorial, suas características, funções, bem como as finalidades pelas quais foi criado, autorizam sua inserção na categoria de lugares de memória. O Memorial do Corinthians, nessa linha de pensamento, constitui-se em lugares de memória, no sentido dado por Nora (1990, 1993, 1997), visto que são considerados espaços físicos (materiais) que funcionam como suporte para a constituição da memória coletiva (imaterial) do Sport Club Corinthians Paulista, sua existência e trajetória.

## REFERÊNCIAS

ARÉVALO, M.C. da M. Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto. I Encontro Memorial do Instituto de Ciências Humanas e Sociais. **Anais...** Mariana, 10 de nov. 2004. Disponível em:  
<[http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=62](http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=62)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

BARROS, D. M. A memória. **Consciência**, n. p., mar. 2004. Disponível em: <  
<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/15.shtml>> Acesso em: 01 mar. 2018.

BARLETTA, J. M. Arquivos ou museus: qual o lugar dos acervos escolares? Maringá [PR], **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 10, jul./dez., p. 101-122, 2005

MONTEIRO, S. D.; CARELLI, A. E.; PICKLER, M. E. V. A ciência da informação, memória e esquecimento. **Data Grama Zero**, v. 9, n. 6, n. p., 2008. Disponível em:  
<<http://www.brapci.inf.br/v/a/5249>>. Acesso em: 14 ago. 2018

CHADE, J. Política, Propina e Futebol: como o padrão FIFA ameaça o esporte mais popular do planeta. **Objetiva**, Rio de Janeiro, 2016, p. 334.

CHAPOUTHIER, G. Registros evolutivos. **Viver Mente & Cérebro: Memória**, n.2, p. 8- 13, jul. 2005. Ed. Especial.

COSTA, I. T. M. **Memória Institucional do IBGE**: em busca de um referencial teórico. Rio de Janeiro: IBGE, 1992.

CRIPPA, G. Memória: geografias culturais entre história e ciência da informação. In: MURGIA, E.I. (org.). **Memória**: um lugar de diálogo para Arquivos, Bibliotecas e Museus. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, p. 79- 110, 2010.

DICK, J. V. Memory matters in the digital age. In: **Mediated Memories in the digital age**. California: Stanford University Press, 2007. p. 27-52.

DOBEBEI, V. Construindo o conceito de documento. In: LEMOS, T.; MORAES, N. (orgs.). **Memória e construções de identidades**. Rio de Janeiro 7 letras, 2001. p. 59-66.

FERREIRA, J.; AMARAL, A. Memória eletrônica e desterritorialização. **Política & Sociedade**, v. 4, p. 137-166, abr. 2004.

FONSECA, G. A. da. **Identificação documental em arquivos pessoais**: possibilidades, convergências e desafios. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2017.

FONTANELLI, S. A. **Centro de memória e ciência da informação**: uma interação necessária. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia) – Escola de Comunicações e Artes. – Universidade de São Paulo, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, J. Pierre Nora e o tempo presente: entre amemória e o patrimônio cultural. **Historiæ**, Rio Grande, v.3, n.3, p. 27-46, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3260-9120-1-PB.pdf>. Acesso em: 24 maio 2018.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2010 p. 307.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice. 1990

\_\_\_\_\_. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KESSEL, Z. **Memória e memória coletiva**. São Paulo: Museu da Pessoa, 2003. Disponível em: <[http://www.museudapessoa.net/public/editor/mem%C3%B3ria\\_e\\_mem%C3%B3ria\\_coletiva.pdf](http://www.museudapessoa.net/public/editor/mem%C3%B3ria_e_mem%C3%B3ria_coletiva.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de Pesquisa**. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2007.

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo, Editora da Unicamp, 1996.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

LUNARDELLI et al. Lugares de memória e o prontuário do paciente. In: SECIN, 6, 2016. Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: UEL. 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2016/secin2016/schedConf/presentations?searchInitial=L&track=>>. Acesso em: 20 maio 2018.

MERLO, F.; KONRAD, G.V.R. Documento, história e memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação. **Inf& Inf.**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 26 - 42, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/informação>>. Acesso em 10 abr. 2018.

MOLINA, L. G.; ARAKI, C. Centros de memória no ambiente digital: em foco a análise de empresas públicas e privadas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 67-89, jan/abr. 2016.

MURGUIA, E. I. **Memória**: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. Ribeirão Preto: Compacta, 2010.

NORA, P. **Les lieux de mémoire**. 4.ed. Paris: Éditions Gallimard, 1997, v.1-3.

\_\_\_\_\_. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara A. Khoury. **Rev. Do Progr. de Estudos Pós Graduados em História e do Depto. De História**: Projeto História. São Paulo, v.10, p.178, 1993.

NORA, P. Memória colectiva. In: LE GOFF, J. ; CHARTIER, R. ; REVEL, J. (Orgs.). **A história nova**. Coimbra: Almedina, 1990.

NEVES, L. de A. A voz dos militantes: o ideal de solidariedade como fundamento da identidade comunista. In: **Xth International Oral History Conference. Proceedings**. Vol3. Riode Janeiro: CPDOC, FIOCRUZ, 1998.



OLIVEIRA, E. B.; RODRIGUES, G. M. As concepções de memória na ciência da informação no Brasil: Estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. **Pontodeacesso**, Salvador, v.3, n. 3, p. 216-239, dez. 2009.

POMIAN, K. Memória. In: GIL, F.(coord.) **Memória Sistemática** [Porto]: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2000. p. 507-516. (Enciclopédia Einaudi, v.42).

RIBEIRO, L.B. Memória: um lugar de diálogo para Arquivos, Bibliotecas e Museus. In: MURGIA, E.I. (Org.). **Memória**: um lugar de diálogo para Arquivos, Bibliotecas e Museus. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2010, p. 33-44.

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). **Usos e abusos de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.

WERTSCH, James V. **Texto e dialogismo no estudo da memória coletiva**. Washington. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v36nspe/v36nspe10.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.